

ATA DA 024ª SESSÃO ESPECIAL DA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 18ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 1º DE SETEMBRO DE 2015, EM
HOMENAGEM AOS 100 ANOS DO CLUBE NÁUTICO FRANCISCO
MARTINELLI
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO GELSON MERISIO

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcos Vieira) -
Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a
presente sessão especial.

Convido para compor a mesa as excelentíssimas
autoridades que serão nominadas a seguir:

Excelentíssimo senhor deputado estadual Gean
Loureiro;

Excelentíssimo senhor deputado estadual Jean
Leutprecht;

Senhor diretor-presidente do Clube Náutico
Francisco Martinelli, Jean do Amaral Lima;

Senhor presidente da Federação de Remo de
Santa Catarina, Carlos Alberto de Melo Dutra;

Senhora presidente do Conselho Estadual de
Esporte, Michele de Souza;

Senhor superintendente da Fundação Municipal
de Esportes, Dilnei Bittencourt;

Senhor Roberto Alves, jornalista da RBS TV,
representando os homenageados.

Excelentíssimas autoridades, senhoras e
senhores, a presente sessão em homenagem ao Clube
Náutico Francisco Martinelli, pela passagem do seu
centenário de fundação, foi convocada por
solicitação deste deputado e aprovada por
unanimidade pelos demais parlamentares.

Neste momento, teremos a interpretação do Hino
Nacional, pelo coral da Assembleia Legislativa,
sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Registro a presença das seguintes autoridades:

Senhor professor Marino Tessari, vice-
presidente do Conselho Federal de Educação Física,
representando também o Conselho Regional de
Educação Física;

Senhora primeiro-tenente Carolina Bittencourt, representando neste ato a Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina;

Senhor Guilherme Domingos Ferla Júnior, representando a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis - Acif/SC;

Senhor Tiago Santos, representando a FAM de Todos Brasil - Audiovisual - Mercosul;

Senhor Marco Aurélio Flores, diretor de Marketing do Clube Náutico Martinelli;

Senhor Lenoires da Silva, presidente do Clube de Imprensa da Região Oeste;

Senhora Nesilda Maria de Fátima Reis Medeiros, diretora da Escolinha de Remo Martinelli;

Senhor Afonso Roberto Licks, assessor de Comunicação do BRDE, representando o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

Sejam todos bem-vindos!

(Passa a ler.)

"As primeiras regatas, no início do século XX, foram feitas à beira do Hospital de Caridade, na enseada Menino de Deus, e organizadas pela Marinha.

O primeiro clube foi fundado por ilustres moradores da ilha, em 1903, o Clube de Regatas 29 de Abril, ligado à Federação do Remo do Rio de Janeiro, e fechou as suas portas três anos após a sua fundação devido à falta de outros clubes para exercer competições. Mais tarde, o incentivo que faltava para a consolidação do remo surgiu do apoio governamental para a prática de esportes.

Assim foi fundado, em 1915, o Clube Náutico Riachuelo, no canal Rita Maria, que em homenagem a Guerra do Paraguai trazia as cores azul e branca em seu brasão.

O segundo clube a ser fundado foi o Francisco Martinelli, que tinha as cores vermelho e preto como homenagem a um naufrágio de uma viagem da Escola Naval, em 1913."

Neste momento, teremos a apresentação do vídeo institucional do Francisco Martinelli.

(Procede-se à apresentação do vídeo.)

(Palmas)

Convido para fazer uso da palavra o eminente deputado Gean Loureiro, que estará na tribuna representando os demais deputados com assento nesta Casa.

O SR. DEPUTADO GEAN LOUREIRO - Boa-noite, senhoras e senhores!

Se me permitem os integrantes da mesa, vou iniciar a minha saudação cumprimentando o ex-presidente Valmir Braz da Silva, e em seu nome cumprimento todos aqueles que dedicaram um pouco do seu tempo e da sua vida para ajudar a dirigir o Clube Náutico Francisco Martinelli. Foram vocês que construíram essa história de 100 anos, e sabemos que por lá não passou nenhum presidente que não dedicou a sua vida, o seu coração e o seu amor ao Clube. E é por isso que hoje temos a oportunidade, na Assembleia Legislativa, com muito orgulho, de comemorar o centenário do Clube Náutico Francisco Martinelli. Meus parabéns a todos os dirigentes que tanto se dedicaram a história deste clube!

Quero saudar o deputado Marcos Vieira, que preside esta sessão e foi o proponente desta homenagem que muito orgulha esta Casa Legislativa.

Saúdo o deputado Jean Leutprecht e também o presidente do Clube Náutico Francisco Martinelli, sr. Jean do Amaral Lima, que representa aqui toda a diretoria do Clube nesta bela homenagem.

Permitam-me cumprimentar todos os demais integrantes da mesa, em nome do presidente da Federação de Remo, Carlos Alberto Mello Dutra, o Liquinho, porque ele foi o grande responsável por eu ter sido, por alguns anos, um atleta de remo dos clubes de Florianópolis.

Então, trago um abraço a todos os homenageados, aos superintendentes da Fundação Municipal de Esporte e da Federação de Esporte, ao Roberto Alves e a todos os colunistas apaixonados pelo remo e pela história de Florianópolis, e que tanto divulgam e defendem essa história tão bela que se confunde com a história de Florianópolis.

Tivemos a oportunidade, pelo vídeo que foi apresentado, de vivenciar o tempo das famílias tradicionais, que acreditaram no esporte há mais

de 100 anos e, de maneira abnegada, começaram a formar os clubes de remo. E o Francisco Martinelli não foi diferente. Envolveu parte de famílias tradicionais que acreditavam e apostavam nisso - e começou, obviamente, na Beira-Mar, que era o ponto de encontro com o mar em Florianópolis, e onde se iniciou.

Obviamente que, com o tempo, após muitas batalhas, foram para um local próximo à rua João Pinto, mais central da cidade. E muito se desejava, naquela época, que houvesse uma estrutura náutica na cidade de Florianópolis. E esse foi um debate de muitos anos, pela pesquisa que fiz sobre o tema, e foi preciso dedicação e muitos compromissos políticos até se concretizar o espaço que existe hoje. Ficaram pelo menos durante uma década junto ao Arataka, mantendo a história com muita luta e pouca estrutura. Depois disso, toda aquela estrutura náutica do Walter Lange recebe, hoje, os três clubes de remo de Florianópolis, que são um orgulho para Santa Catarina.

A Assembleia tem muito prazer de não deixar passar em branco essa data de grande importância para a história do esporte de Santa Catarina e, de maneira especial, para a história da nossa capital.

Florianópolis sempre foi reconhecida, mesmo tendo pouca estrutura e poucos investimentos, como uma cidade com destaque no remo brasileiro. Eu sei que, muitas vezes, é difícil competir com a estrutura que o Rio de Janeiro e outras cidades oferecem, pois elas têm grandes investimentos, apoio, e aqui sei que, muitas vezes, depende dos patrocinadores tradicionais, muitos ex-remadores que acreditam no time e continuam investindo. Ainda não existe uma política pública definitiva, e aqui não falo dos governantes de plantão, mas do histórico de governantes que pudessem entender como os projetos sociais voltados ao remo podem ser uma das grandes oportunidades de muitos jovens que não têm a opção de ter a disciplina, a dedicação e o esporte como uma alternativa. E os clubes de remo têm um pouco disso.

Eu vivenciei muitos jovens, sendo que a minha mãe trabalhava junto com o Liquinho na Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva. E, obviamente, que tentava convencer todos para praticarem remo, e ele puxava mais para o Aldo Luz, obviamente, naquela época.

Então, iniciei a minha história no remo no Aldo Luz e vi lá muitas pessoas simples, que não tinham nenhuma oportunidade a não ser aquela. Posso dizer que para muitos a única alimentação que tinham, após o treino, às 4h30, era o café da manhã com Nescau e pão com mortadela. Aquela era a única alimentação que tinham e eles voltavam inicialmente pela alimentação mesmo.

Lá foi-se constituindo muitos que, hoje, transformaram-se em atletas, não do remo, mas de outras atividades esportivas. E pouco a pouco pôde mostrar, através dos projetos sociais, das escolinhas, a revelação de grandes talentos não apenas no quesito rendimento, mas no quesito inserção social.

Hoje, observamos esses jovens que aqui participam desta sessão, e que estão lá preparando-se para ser grandes atletas, ou criaram essa paixão pelo remo que acaba sendo eterna. Eu, mesmo não tendo mais as condições físicas adequadas nem a habilidade que muitos remadores que foram campeões têm, tive a honra de viver muito próximo do remo. E acabei migrando para o Martinelli em seguida, onde o meu treinador, o Trombeta, não deixava a turma aliviar. Tínhamos que subir o Morro da Cruz naquelas corridas intermináveis, e se descansássemos por um segundo, levávamos alguns sermões e continuávamos. Foi naquela época que subi pela primeira vez as escadarias do Mocotó, pois ele nos levava para subir os 300 degraus para ter condições e força física para enfrentar o esforço físico necessário do atleta ideal.

Eu sei que muitos passaram pelas dificuldades, venceram, persistiram e isso faz essa paixão viver dentro de todos nós.

Nós, que representamos muitas vezes a sociedade, seja no Poder Executivo ou no Poder

Legislativo, temos a obrigação de conhecer essa modalidade, acreditar e dar um apoio muito maior. É óbvio que esse apoio muito maior passa não apenas por disponibilizar recursos, mas por acreditar e ter no remo mais uma atividade desportiva que possa fazer a verdadeira inserção social dentro de todas as famílias de Florianópolis e Santa Catarina.

É óbvio que desejamos muito mais, que há muito tempo discute-se que haja uma passarela que permita dar segurança aos atletas que atravessam do Terminal Rita Maria até o Parque Náutico para poder fazer lá a sua atividade. Esta é uma luta de muito tempo que se vem discutindo, ainda não conseguimos o resultado, mas continuaremos a batalha até isso poder se concretizar. Este é o nosso papel: estamos aqui colaborando com vocês, abrindo portas, demonstrando que o remo faz parte, sim, da história, que é um esporte que tem muito a crescer ainda em Florianópolis e precisa de apoio e agir de maneira integrada, como agem agora todos os clubes, tendo na federação a sua liderança.

Obviamente que nesse centenário do Clube Náutico Francisco Martinelli, temos muito a comemorar por essa história de resistência, de força e de vitória que nos faz ter a certeza de que outros centenários virão pela frente com uma batalha. Certamente não estaremos mais aqui, mas os nossos descendentes vão lembrar, Valmir, de muitos, como você, que ajudaram a construir a história do Clube.

Agradeço a todos que participam desta sessão. Muito obrigado pela oportunidade de, nas comemorações do centenário, participar desta sessão. Cumprimento o deputado Marcos Vieira e agradeço o convite para me manifestar em nome dos deputados estaduais nesta Casa Legislativa.

Tenham certeza de que a homenagem feita na noite de hoje pode ser singela, mas é um reconhecimento, sim, do trabalho de cada um, do destaque, do desempenho dos atletas, da luta dos dirigentes e do apoio que tiveram. E nós, homens públicos, queremos cada vez mais reconhecer e

apoiar essa atividade, e sempre comemorar o sucesso do remo em Santa Catarina.

Mas, hoje, Liquinho, é o dia do Clube Náutico Francisco Martinelli, e estamos aqui saudando o centenário do nosso clube, com muito orgulho.

Por isso, muito obrigado a todos e parabéns pela bela sessão! Sucesso ao nosso Clube Francisco Martinelli, sendo que a sua história faz parte da história de Florianópolis e Santa Catarina.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcos Vieira) - Agradecemos a participação do deputado Gean Loureiro.

Neste momento, quero falar um pouco mais sobre o remo de Santa Catarina.

(Passa a ler.)

"Após a fundação dos Clubes Náuticos Riachuelo e Francisco Martinelli, em 1918 surge o Clube de Regatas Florianópolis, com as cores branco e vermelho. O nome do clube foi mudado, posteriormente, para Clube de Regatas Aldo Luz.

Como consequência da fundação do terceiro clube, surgiu, em 1919, a Federação Catarinense de Desportos Aquáticos, que alcançou o mérito de organizar o remo no estado e elevar o número de competidores e das competições.

Os periódicos da época davam à prática do remo uma projeção equivalente a que hoje é dada ao futebol. Torcer e evidenciar o clube, ou cada um desses três clubes, tornavam-se as principais intenções dos torcedores.

As notas e reportagens trazidas pelos jornais repercutiam nas mais diversas vertentes do remo, abrangendo desde os competidores dos páreos às festas e manifestações culturais promovidas pelos respectivos clubes."

Depois falarei um pouquinho mais sobre o remo.

Neste momento, convido a mestre-de-cerimônias, Nicoli Madeira, para proceder à nominata dos homenageados desta noite.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Nicoli Madeira) - Senhoras e senhores, boa-noite!

Neste momento, o Poder Legislativo catarinense, em sessão especial, presta uma homenagem ao Clube Náutico Francisco Martinelli pela passagem do seu centenário de fundação, na promoção da prática do desporto do remo de caráter competitivo e amadorista, apoiando iniciativas de cunho cultural e educacional da comunidade florianopolitana, valorizando a ética, a paz e a cidadania, contribuindo com a construção da história do esporte catarinense.

Convido o sr. deputado Marcos Vieira para fazer a entrega das homenagens, juntamente com o deputado Jean Leutprecht.

Convido para receber a homenagem o sr. Jean do Amaral Lima, diretor-presidente, neste ato representando o Clube Náutico Francisco Martinelli.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Dando continuidade à solenidade, o Poder Legislativo catarinense presta homenagem às personalidades e entidades pelo importante apoio ao clube nestes 100 anos de história.

Convido para receber a homenagem o sr. Dilnei Bittencourt, superintendente da Fundação Municipal de Esportes.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o jornalista Roberto Alves.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Neuza Beltrame, neste ato representando a sua filha e atleta Fabiana Beltrame.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. André Baracuhy, neste ato representando o sr. Nilton Brasil Pacheco, atleta e dirigente durante cinco décadas.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Arnaldo do Amaral Lima, atleta e dirigente durante cinco décadas.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Valmir Braz da Silva, atleta e dirigente durante cinco décadas.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Afonso Roberto Licks, neste ato representando o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o diretor Marcos Giraldi, neste ato representando a RIC TV.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Oberdan Vilain, neste ato representando a empresa Água Mineral Imperatriz.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Agradeço ao sr. deputado Marcos Vieira e ao sr. deputado Jean Leutprecht.

Neste momento, teremos a apresentação de um vídeo da regata realizada em Florianópolis, no dia 25 de julho de 2015, que teve o propósito de homenagear todos os atletas que fizeram parte da história centenária do Clube. Duas equipes disputaram dez provas em várias categorias com os atletas de 12 a 86 anos vestidos com as cores do Clube, e realizaram uma grande festa.

Muito obrigada a todos e boa-noite!

(Procede-se à apresentação do vídeo.)

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcos Vieira) - Convido para fazer uso da palavra, em nome dos homenageados, o jornalista Roberto Alves.

O SR. ROBERTO ALVES - Ao cumprimentar o presidente, deputado Marcos Vieira, cumprimento todas as autoridades que fazem parte da mesa e já nominadas pelo protocolo.

Quero referendar um pouco mais a felicidade que teve o deputado Marcos Vieira ao lembrar de um dos maiores clubes de remo da América do Sul, que é o Clube Náutico Francisco Martinelli. Feliz este momento!

Cumprimento o sr. presidente, os deputados, o presidente da fundação, as autoridades e o público aqui presente.

Vim desarmado. Não anotei e não escrevi nada. Vim para conversar um pouco sobre aquilo que sempre gostei, que é o remo. Muitos podem pensar e imaginar que o futebol é a minha especialidade, mas comecei no rádio falando de remo. O remo sempre esteve muito próximo de mim, desde os meus 15 anos de idade.

Eu não quero fazer discurso. O deputado Marcos Vieira já foi muito feliz em trazer alguns aspectos protocolares da história do remo da capital, e o deputado Gean Loureiro também fez o seu discurso. Eu vim aqui para conversar um pouquinho, em nome dos homenageados, todos muitos felizes, todos com muita relevância, todos merecedores da lembrança do Clube Náutico Francisco Martinelli nesta noite gloriosa e feliz para todos nós, do esporte, especialmente do remo da capital, do país e do exterior também.

Sr. presidente, meus amigos, há uma regrinha para se fazer um discurso, e que eu costumo dizer, mas não costumo obedecer, que é exatamente falar alto para ser ouvido, falar de um lugar alto para ser visto, e falar rápido para ser aplaudido. Este último item é difícil de ser cumprido. Falar rápido é difícil para quem está no microfone todos os dias e não pode ver um na frente, e é chamado a todo instante.

Mas a minha história com o remo, e de todos que estão aqui sendo homenageados, tem relevância. Com 15 para 16 anos de idade, comecei a minha carreira na Rádio Guarujá, que ficava exatamente localizada no Edifício Martinelli, na rua João Pinto, n. 43, no centro de Florianópolis. E como operador de som, que foi a primeira função que eu exerci no início, com quase 16 anos de idade, eu

chegava às 6h para abrir a rádio e colocar a emissora no ar.

Invariavelmente, antes de fazer isso, eu ia dar uma olhadinha no galpão debaixo, que era onde ficava o Clube Náutico Francisco Martinelli. E lá, quase todos os dias, eu via o Manoel Silveira, o Vilella, o Jobel Furtado e uma plêiade antiga de remadores carregar aquele barco de Garapuvu, pesado à beça, colocar na água e sair para os treinamentos às 6h com uma vontade e uma intensidade de dar inveja a qualquer um. Eu comecei a me apaixonar por aqueles remadores e pela modalidade. Pouco mais tarde, comecei a participar, como repórter, das transmissões do remo.

A nova geração precisa tomar conhecimento do que foi o remo. Não é o futebol, não é o Avaí e não é o Figueirense o nosso melhor produto. O nosso grande produto sempre foi o remo. Em se tratando de Clube Martinelli, sempre foi um remo campeoníssimo, de relevância extraordinária para o esporte brasileiro.

Nós formamos e mandamos atletas para os grandes centros, como no Rio de Janeiro, que tinha Vasco e Flamengo como grandes remadores, mas eles dificilmente ganhavam de nós. Naquela época, eles, com um barco de fibra de carbono, e nós, com barco de madeira da Garapuvu, pesadíssima, mas a disputa era assim: pau a pau.

Então, o remo está para nós, da capital do estado, proporcional e evidentemente, como as manhãs de domingo estiveram à época de Ayrton Senna e de Gustavo Kuerten, quando a cidade parava para que pudéssemos acompanhar pela televisão o Ayrton e o Guga.

No meu tempo, não tínhamos a televisão ainda, depois houve um acréscimo, mas tínhamos uma disputa acirradíssima, tanto quanto Martinelli, Aldo Luz e Riachuelo, entre as Rádios Guarujá e Diário da Manhã. Eram duas competições fortíssimas, na água e fora dela, para ver quem tinha a melhor audiência, a melhor transmissão e quem trabalhava mais em função do remo.

Não havia o aterro da Baía Sul. Então, tínhamos um público que começava no Iate Clube Veleiros da Ilha e ia até próximo à Ponte Colombo Salles para ver a chegada à Ilha do Carvão.

Então, havia gente que saía correndo por terra para acompanhar, passo a passo, par a par, remada a remada, até o final. Isso não tinha preço, era um negócio fantástico. Os jornais *A Gazeta* e *O Estado* faziam, durante a semana inteira, coberturas fantásticas, esperando, preparando e motivando a regata de domingo, seja da cidade, do estado, um campeonato brasileiro ou até um sul-americano, que promovemos muitas vezes aqui.

Havia torcedores fanáticos naquela época, e havia um senhor chamado Eugênio Dutra, que não era outro senão o pai do Carlos Alberto Dutra, o Liquinho, que tinha uma paixão pelo Martinelli impressionante. Esse homem ficava rouco, saía correndo e acompanhava. Em determinada época da vida, disseram-lhe: "Eugênio, você tem que parar, pois não tem mais idade para ficar correndo de lá para cá acompanhando. Daqui a pouco o coração pode falhar". Convenceram-no a ficar embaixo do galpão do Clube Martinelli, perto da Capitania dos Portos, onde havia o trapiche, acompanhando a regata. Mas era muito pouco para ele, que queria ver de perto. É claro, o filho dele estava na água, o Liquinho, disputando regatas fenomenais, e ganhava quase todas. E numa delas o seu Eugênio estava alucinado para saber como estava o seu filho, e alguém pegou um binóculo e disse: "Com calma, assiste aqui que você vai ver quem está na frente". Ele, muito nervoso, pegou o binóculo e, ao olhar através dele, o seu filho apareceu bem na cara dele. Ele mandou um recado para o filho, falando baixinho para o outro do lado não ouvi-lo: "Arromba meu filho"! Falou baixinho, como se ele estivesse ouvindo lá no meio do mar. Há coisas assim extraordinárias!

O nosso remo ultrapassou fronteiras. Uma vez, na Argentina, no Rio da Prata, no Rio Tigre, havia uma visão muito ruim para se fazer a transmissão. E aqui há outra briga, outra rivalidade no remo: essa transmissão foi feita pela Rádio Guarujá.

Alguns dizem que foi o nosso saudoso Lauro Soncini, o narrador, que também era do Clube Martinelli. O Clube Martinelli representava o Brasil numa prova de dois ou quatro *skiff*, não me lembro. E muito apaixonado e nervoso, alguém disse para o Lauro Soncini - e quem reivindica que foi ele que fez isso foi o Fernando Linhares da Silva, mas eu tenho a impressão de que foi o Lauro Soncini -: "Largou! E o Brasil está muito bem com o barco do Clube Martinelli". E aí ele acelerou a transmissão e todo mundo ouviu pelo rádio: "Martinelli em primeiro, Argentina em segundo". Ele não dizia que estava narrando o Brasil, que era representado pelo Clube Martinelli. Depois de seis minutos, os barcos começaram a chegar próximo, ele começou a perceber e alguém tirou o fone do ouvido dele e disse: "A prova não largou ainda". Ele respondeu: "Mas como não? Se o Martinelli está um primeiro lugar, como é que a prova não largou?". "A prova não largou, houve um problema". Ele não perdeu a esportiva, foi diminuindo o ritmo e dizendo: "O Martinelli sai do primeiro, passa para o segundo, vai diminuindo a remada". Foi fazendo assim até se perceber que era um tronco de árvore que estava chegando bem perto. Esse tronco de árvore, quando dobrou a esquina, no início da regata, dava a falsa impressão, mas só havia um e o Martinelli era logo identificado. Ele não perdeu a esportiva, foi diminuindo até largar a prova. Ele largou novamente junto, mas não passou o recibo.

São coisas como essas que o remo nos faz lembrar e que nos deixam muito felizes. Hoje, vendo aqui uma homenagem ao Clube Náutico Francisco Martinelli, que tem uma história rica de vitórias e conquistas, ficamos emocionados. É evidente também que o nosso esporte passa por dificuldades em alguns momentos, como o aterro da Baía Sul até o nascimento do Parque Náutico Walter Lang. Daí a razão pela qual muitas entidades acabaram por ser importantes e hoje estão sendo homenageadas no apoio e na parceria a um esporte que foi sempre o nosso melhor esporte. Não tenham dúvida quanto a isso!

Quando o aterro foi feito, o governador era o Colombo Salles. E aí começaram a questionar como seria feita a regata, se iria desaparecer a Ilha do Carvão. O governador Colombo Salles deu uma entrevista dizendo o seguinte: "Não é nada disso que estão falando. Aliás, esta é uma ilha que tem mais onda fora do que no mar. Estão fazendo muitas invenções que não são verdades". Mas acabou acontecendo e a Ilha do Carvão desapareceu. Apenas não se fez aquelas favelas que estavam previstas para o aterro da Baía Sul, que não deixaram fazer.

Mas, então, o remo recuperou, a partir de uma determinada época, essa nova geração que aí está. Para terem uma ideia da importância do nosso remo, nos próximos dias o Valmir Braz da Silva, que foi um remador e um grande presidente, juntamente com Liquinho, embarcará para a Bélgica. Até hoje somos lembrados e o remo catarinense vai disputar o Mundial de Másters. Nós já fizemos isso muitas vezes, e já tivemos vitórias espetaculares fora do Brasil, tanto que até hoje somos lembrados para qualquer tipo de convite.

No último final de semana, o Clube Martinelli ganhou a terceira etapa da Copa Catarinense de Remo, em Blumenau. Foi mais uma vitória! E daí muita gente pode dizer: "Ah, mas ninguém sabia disso". Mas aí vai um pouco de *mea culpa* da imprensa também. Nós temos o remo como o mais importante e vitorioso esporte, mas divulga-se muito pouco. Eu quero assumir também esse equívoco, porque ninguém se lembra que essa garotada vai às 5h remar sem ter nenhuma vantagem, a não ser o prazer de vestir a camisa do seu clube e representar a sua cidade nos Jogos Abertos de Santa Catarina e em outras competições nacionais.

Por isso, acho extremamente relevante a sua lembrança de fazer uma homenagem ao centenário do Clube Náutico Francisco Martinelli.

Eu ainda teria muitas e muitas histórias para contar, mas, como disse no início, tenho que falar rápido para não me tornar cansativo.

Eu não me canso de falar do remo e tenho muito prazer. Quando fui convidado para participar desta sessão, era tudo que eu queria, ou seja, vir aqui

e falar um pouco, na Casa do Povo, de uma coisa do povo que tem que ser definitivamente lembrada, que é o nosso remo da capital, que é o Clube Náutico Francisco Martinelli que nos trouxe muitas glórias e colocou-nos nas manchetes de todo o país. E ele nos dá o suporte de poder dizer que o remo também tira os rapazes de outras situações e traz para o esporte. Hoje é o Dia do Professor de Educação Física, e precisamos lembrar essa data porque esse pessoal também tem um trabalho notável.

Para não me alongar um pouco mais, quero agradecer, sr. presidente, em nome dos homenageados, esse momento oportuno. Eu me sinto fascinado de poder falar de remo, lembrar das histórias e das grandes regatas que eu também tive o privilégio de transmitir na antiga TV Cultura, na época em que se dedicava um pouco mais de espaço para o remo, à vela e aos nossos esportes náuticos.

Eu vi ali agora, e meu deu saudade, o oito do Clube Martinelli na água, aquela remada bonita, compassada, sincronizada. As narrações eram espetaculares. Nós criávamos palavras fantásticas, como, por exemplo: começava com água de almirante, nos 500m iniciais já tinha marola, daí o remo enforcava. Quando se dizia que começou a sair marola, era o vento sul que começava a cair devagar. "Estão enforcando o remo, não vai chegar, vai chegar, a disputa vai ficar mais interessante". Então, a comunicação ajudava a fazer a emoção de um campeonato da cidade ou do estado, e de uma regata, pela rivalidade existente. Não há nada mais interessante do que o Clube Martinelli ou o seu coirmão do lado, no tempo antigo, o vermelho e branco, pois quem ganhava e chegava lá para guardar o barco, soltava foguete para provocar. É como o negócio do Avaí e Figueirense, mas de forma sadia.

Então, sr. presidente, parabéns, mais uma vez! O nosso querido Clube Martinelli está aí! Estou vendo o Valmir Braz da Silva, o Arnaldo do Amaral Lima, o André Luiz da Costa Baracuchy, o Oberdan Nazareno Vilain, enfim todo esse pessoal que vivenciou essa história do remo na capital do

estado e em Santa Catarina. Eu sinto não haver um pouco mais de aficionados do remo para poder curtir esse momento salutar, agradável em que resgatamos um pouco da nossa história, que é vibrante, maravilhosa e vitoriosa.

Sr. presidente, eu apenas não contei a história do Dona Peita, que é mais ou menos assim: havia um alemão que falava muito mal o português e nunca ganhava do Liquinho. Ele saia 500m na frente e chegava 500m atrás. Bem em cima da hora, ele ia caindo, caindo, caindo e dizia: "Dona peita, dona peita". Perguntaram: "O que há contigo"? Ele respondeu que era dor no peito. Disse que chegava aos 1.000m da prova e dava dor no peito. E como ele não falava muito bem o português, ele dizia que estava com "dona peita". E assim ficou com esse apelido de Dona Peita.

Então, ficaria falando aqui a noite toda, sem cansar. Mas antes de parar de falar, quero contar outra história. Uma vez estávamos numa solenidade na Grande Florianópolis e uma banda tocou o Hino Nacional. O hino durou uns dez minutos, porque não sabiam como terminá-lo. Percebemos a dificuldade da banda em terminar o hino e resolvemos bater palmas. As palmas foram aumentando e eles pararam de repente. É isto que vou fazer neste momento e batam palmas para eu poder sair!

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcos Vieira) - Convido para fazer uso da palavra o presidente do Clube Náutico Francisco Martinelli, Jean do Amaral Lima.

O SR. JEAN DO AMARAL LIMA - Boa-noite!

Cumprimento o deputado Marcos Viera e estendo esses cumprimentos aos membros da mesa e a todos os presentes.

Quero agradecer, em nome da diretoria do Clube Martinelli, imensamente esta oportunidade.

(Passa a ler.)

"Florianópolis, 31 de julho de 1915

Nossa! Que cidade bonita! Quanto mar a minha volta! Calculo uns 15 mil habitantes neste lugar.

E como eles utilizam o mar por aqui. É um vai e vem de barcos, canoas e bateiras, transportando mercadorias e pessoas por esse estreito canal. E a maioria impulsionada a remo. As cores também são maravilhosas. Tem o vermelho do encarnado, da carne, do sangue. Precisarei transmitir aos meus atletas esse vigor, essa força do vermelho. E o preto, que combinação. O preto cai bem nesses corpos esbeltos e musculosos.

Fui fundado nesta bela cidade chamada Florianópolis. Uma cidade que tem a alma náutica, pois, já no ano de 1504, começou a ser frequentada por navegadores europeus que tinham como destino a Bacia do Prata e aqui descobriram um refúgio natural para descanso e reabastecimento de suas naus. Exatamente há cinco séculos, os primeiros europeus aqui desembarcaram e colocaram esse pedacinho de terra no mapa da navegação mundial. Porto dos Patos, Ilha de Santa Catarina, Desterro e, por fim, Florianópolis.

Gente, desculpem-me, não me apresentei. Sou o Clube Náutico Francisco Martinelli. Nasci no dia 31 de julho de 1915. Meu nome é uma homenagem ao um jovem que sonhou ser oficial da Marinha de Guerra do Brasil. Um jovem de origem humilde, que demonstrou muita força de vontade para pertencer a tão nobre instituição. Essa história de luta e obstinação do jovem Martinelli comoveu aquele grupo que acabava de me dar vida. Obrigado, Oswaldo Reis e seus 33 companheiros! Gostei deste nome e prometo honrá-lo pelo resto da minha vida, e que seja longa a minha vida.

Mas eu ainda não disse o meu propósito. Sou um clube de remo. Sim, remo, um esporte sensacional, tido como completo e por isso mesmo complexo. Ora, se o remo é completo no sentido de exigir grande quantidade de músculos do seu praticante, eu concluo que é complexo para esse praticante treinar e utilizar de forma sincronizada esta quantidade grande de músculos. São braços, tronco e pernas que se articulam sobre um carrinho que desliza em um barco para transmitir a força certa sobre o remo através da alavanca que este faz em uma braçadeira. Ufa, como é complexo. Mas como é

prazeroso. Por que será? Por que será que a família Martinelli é tão grande? Por que será que tem diretor que entrou no meu galpão ainda jovem e permanece ajudando-me durante os últimos 50 anos? Sim, isso existe, cito sem pestanejar os srs. Nilton Brasil Pacheco, Arnaldo do Amaral Lima e Valmir Braz da Silva.

Gosto de acordar cedo. Gosto de ver o sol nascer. Quero logo abrir as minhas portas para receber os meus queridos atletas. Fico ansioso para ver os que defendem as minhas cores vestirem as suas roupas de treino, levarem os seus remos até a praia e colocarem um dos meus barcos na água. Meus barcos, meus preciosos barcos. Cada um é chamado por um nome e são parte da minha alma. Quero que cuidem deles como se fossem as coisas mais valiosas do mundo.

Acho que os diretores sentem isso também. Para ver um diretor furioso, basta um barco sofrer algum dano. Também, eu entendo, pois cada barco tem uma história de luta para a sua aquisição. São frutos de muitas reuniões, solicitações, economias realizadas para produção ou compra de cada um deles. E quando um novo barco é conquistado, faz-se uma festa. É claro, tem que festejar a chegada de mais um membro da esquadra martinellina. A cerimônia é de batismo e o nome dado é geralmente uma homenagem a quem proporcionou essa importantíssima aquisição. Uma forma simples, mas muito autêntica de dizer muito obrigado.

Troquei de casa três vezes. Nasci na Praia de Fora, atual avenida Beira-Mar Norte. Depois ganhei de apaixonados pelo remo a minha sede do centro da cidade. Lá firmei como um grande clube de remo, ganhei títulos, conquistei Florianópolis. Os grandes campeões Valmor Vilela e Manoel Silveira fizeram história quando eu lá morava, assim como a campeoníssima guarnição oito com timoneiro, de 1970, formada por Azuir, Mauro, Luiz, Arnaldo, Ademar, Jauro, Renato, Carlos e Jobel.

Meus exemplares diretores tiveram a sensibilidade de preservar esta sede e até hoje ela me pertence. Obrigado, diretores! Vocês estão

preservando o meu patrimônio e, mais que isso, a minha história.

Posteriormente, fui obrigado a me mudar devido ao progresso da cidade. Com o aterro da Baía Sul, fiquei longe do mar e isso para mim significa a morte. Mais uma vez, os meus diretores entraram em cena e conseguiram um lugar provisório embaixo da Ponte Hercílio Luz, onde hoje funciona o bar Scuna. Fiquei por lá até a minha atual sede ficar pronta e ser entregue. Isso ocorreu em 1979, e desde então é onde moro e recebo os meus queridos atletas.

A minha trajetória de sucesso continuou e ganhou força. Na nova casa recebi apoio, a minha incansável diretoria buscou recursos e os talentos que por esta cidade circulam, novamente a mim vieram. Nos últimos 40 anos foram muitos, que bom! Surgiram os títulos nacionais, sul-americanos, pan-americanos e classificações para as olimpíadas. Que honra, que orgulho, que emoção: vários martinellinos fazendo parte da Seleção Brasileira de Remo.

Nas primeiras décadas de minha existência, o remo foi assunto constante da mídia, havia até revista especializada. Contudo, com o passar do tempo, outros esportes surgiram e as atenções foram-se dividindo. Que bom, Florianópolis cresceu, modernizou-se e o rol de modalidades esportivas acompanhou o crescimento da cidade. Agradecemos à imprensa que se manteve parceira do remo, divulgando o meu cotidiano e as minhas conquistas.

Obrigado, RIC TV e profissionais da imprensa, Roberto Alves e Cacau Menezes. O trabalho de vocês é primordial para divulgar os meus títulos e informar aos jovens que eu existo e estou de portas abertas para recebê-los.

Por falar em apoio, sempre precisei contar também com a sensibilidade de pessoas e de instituições públicas e privadas para que eu possa desempenhar as minhas atividades. No início, eu estava muito ligado aos homens públicos. Famílias tradicionais da política da capital me adotaram e cuidaram de mim. Quando atingi a maioridade,

consegui certa autonomia financeira devido ao espetacular trabalho da minha diretoria, que preservou o meu patrimônio.

Mas, mesmo assim, continuo a depender de ajuda. Hoje falo em alto e bom som: obrigado, Fundação Municipal de Esporte de Florianópolis, na pessoa de Dilnei Preve Bittencourt! Obrigado, Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul! Obrigado, Água Mineral Imperatriz. A ajuda de vocês é repassada para toda a sociedade, quando ofereço, sem custo, a prática do remo aos jovens que vêm até mim.

E as mulheres dos remadores? No início, elas tinham ciúmes de mim. Elas ficavam se perguntando: "Por que o meu companheiro custa a se levantar da cama para irmos à feira, mas quando é para remar, pula às 5h, antes mesmo de tocar o despertador!" E pode ser inverno, com chuva, vento sul, não importa. Para ir ao Martinelli remar, não há tempo ruim. E as companheiras ficavam pensativas: "O que esse tal de Martinelli tem? Vou lá conferir"! Que bom que vieram. Tinha certeza de que quando viessem não iam mais me largar. Isso mesmo, é o meu jeitinho, a minha energia, a minha alegria. Gosto tanto dos meus atletas que muitos recebem apelidos, carinhosos apelidos: Coxa, Coxinha, Carocha, Caloca, Bóia, Pinhão, Bolo, Tim Maia, Vera Verão, Selvagem, Selvinha, Sem Expressão, Sorriso, Sorrisinho, Mamaca, Buraco, Munhá, Pescoço, Pantera, Cabelo, Chubaca, Piu-Piu, Fala Muito, Malha Fina, Infraero, Bombeiro, Gericó, Macarrão, etc.

Agora uma coisa: nem todos tem apelido. Fabiana Beltrame, por exemplo, não tem. Opa, desculpem, ela tem sim. Conquistou o seu apelido da maneira mais nobre possível. Pelo mérito e competência, é conhecida como a Rainha do Remo Brasileiro.

Esta é minha história, mostrei que tenho um passado glorioso que gostamos de lembrar e respeitar, mas a diretoria do Clube Martinelli trabalha firme no presente porque tem a convicção de que o Clube Martinelli será sempre motivo de

orgulho para Florianópolis e para o remo do Brasil.

Muito obrigado a todos e viva o centenário do Clube Náutico Francisco Martinelli!"

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcos Vieira)-
(Passa a ler.)

"Na segunda metade do século XIX, em frente à Praça XV, havia a praia da Praça Central, que percorria quase toda a rua do Príncipe e terminava na rua Augusta, atual rua João Pinto, construindo uma propícia enseada para a navegação do comércio. Era lá que abicavam as canoas que dos diversos pontos da ilha e do continente próximo traziam gêneros para expô-los a venda, em esteiras desdobradas ao longo das areias. Pessoas, animais e cargas cortavam a Baía Sul. Ela, que se estendia do extremo do Estreito, Forte de Sant'Ana e chegava ao Zé Mendes, era a principal e a mais animada pista marítima.

As regatas, no auge de sua história, entre as décadas de 1920 e 1940, eram grandes acontecimentos. Uma regata chegava a atrair seis mil pessoas, entre atletas, sócios dos clubes, políticos, autoridades e, principalmente, torcedores e público em geral, numa cidadezinha que contava, em 1900, com cerca de 15 mil habitantes e em 1940, com a incorporação dos demais bairros, com cerca de 25 mil habitantes. É muita coisa!

No dia 14 de junho de 1979, ocorreu a inauguração do Parque Náutico Walter Lang e desde então é lá que os alicerces do Clube Náutico Francisco Martinelli fincam-se sob a solidez da rocha da Ilha do Carvão.

A manezinha Fabiana Beltrame saiu de Florianópolis para ser a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro no mundial de remo."

Faço esta citação para também homenagear todas as mulheres que praticam essa modalidade de esporte.

Aliás, falando de esporte, devo dizer que o remo, sem sombra de dúvida, é um esporte que fez

com que Florianópolis despontasse mundialmente. E como a vela ajudou, é verdade. Lembro-me bem das grandes regatas de vela capitaneadas pela Capitania dos Portos, ocorridas também nas nossas baías.

Mas se algumas modalidades ajudaram Florianópolis a aparecer e ser reconhecida no mundo inteiro, algumas pessoas que praticaram outras modalidades de esporte fizeram com que a nossa cidade e Santa Catarina também despontassem.

Gostaria de saudar o grande jogador de futebol de Santa Catarina, Oberdan Nazareno Vilain, que está aqui presente. E quero oferecer-lhe uma calorosa salva de palmas. Ele, na prática do futebol, fez Santa Catarina também se despontar no cenário nacional e internacional.

(Palmas)

A Presidência agradece a presença das autoridades com assento à mesa e de todos que nos honraram com o seu comparecimento nesta noite, convidando-os para um coquetel no *hall* deste Poder.

Antes do encerramento, teremos a interpretação do Hino de Santa Catarina pelo coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Encerramos a presente sessão, convocando outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.